

“Nosso caráter se forma quando enfrentamos adversidades. Hoje quero contar-lhes uma história sobre persistência. Quero falar de Sarah.”

Trecho do discurso de Joe McCullaugh, representante dos alunos na formatura de 1997 da Oregon City High School

# VOTO DE CAMPEÃ

Por JOHN PEKKANEN

**E**RA UM DIA de junho, em 1995. Sarah Warnock, 16 anos, corria na quadra, durante uma partida de basquete. Normalmente a animada mãe, Shirlene, estaria torcendo por ela. Mas Shirlene já vira a filha de 1,87 metro de altura participar de centenas de jogos e percebia que Sarah estava com dificuldades. Havia algo errado. Shirlene se virou para Fred Underwood, médico e pai de outra jogadora:

– Sarah não está bem...

– Ela parece doente.

O desempenho de Sarah naquele dia foi o último de uma série de desapontamentos que começara com uma inexplicável fadiga no outono. Durante o encontro estadual de atletismo, um mês antes, Sarah tivera problemas de

coordenação no arremesso de disco.

Sarah e os pais consultaram vários médicos. Um deles pensou que a agenda cheia de Sarah causara a fadiga. A equipe de basquete ganhara o título estadual na temporada anterior, e o jornal *USA Today* a aclamara como a melhor equipe de basquete feminino de escola secundária no país.

Além de participar das equipes de basquete e atletismo, Sarah era popular, tocava saxofone na banda da escola, tirava nota máxima em quase todas as matérias e sonhava tornar-se pediatra.

Ao verem que a filha não melhorava, Shirlene e Matt Warnock levaram-na ao neurologista Paul Ash. Quando Ash colocou as imagens do exame de ressonância magnética de Sarah contra a luz, um frio de medo



**Sarah Warnock-**  
Decidida a continuar  
jogando basquete, a  
atleta não podia se  
entregar à doença.





se apossou da jovem. A mãe estava à direita e o pai à esquerda, ambos segurando-lhe as mãos. Os exames revelavam alarmantes manchas brancas no cérebro.

– Sarah – disse Ash –, você provavelmente tem esclerose múltipla.

A jovem afundou na cadeira, com lágrimas escorrendo pelo rosto. Seus pais abraçaram-na.

Cerca de duas semanas depois, o diagnóstico foi confirmado.

– Não posso dizer o que ocorrerá com você no futuro – disse Ash. – A única coisa previsível sobre a esclerose múltipla é sua imprevisibilidade.

No início de agosto, Sarah já não conseguia segurar uma bola de basquete. Insensibilidade e formigamento percorriam braços e pernas. Às vezes, a cabeça girava em vertigem.

Enquanto isso, os Warnocks aprenderam tudo o que podiam sobre esclerose múltipla (EM) – nada encorajador. Não havia cura. Acreditava-se que a EM seja uma doença auto-imune. Pode causar problemas de audição, equilíbrio, visão e perda da coordenação motora. A família também descobriu que Sarah estava entre as mais jovens dos mais de 300 mil portadores da doença nos EUA.

Depois, Shirlene contou a Fred Underwood que Sarah tinha EM.

– Sinto muito – respondeu ele. Em seguida, chegou a uma conclusão rápida e, para ele, inevitável. – Acho que ela nunca mais vai jogar basquete.

Foi o primeiro dos incontáveis julgamentos que Sarah enfrentaria. Para ela, tais suposições pareciam piores do

que a doença – impunham limites que nem mesmo a EM exigia. *Talvez você não possa mudar seu estado de saúde*, disse a si mesma, *mas pelo menos pode mudar esse tipo de percepção equivocada.*

**E**MBORA DERRUBADA pela fadiga, com o rosto e o corpo inchados por causa dos esteróides receitados para a EM, Sarah estava determinada no primeiro dia de aula.

– Não vou deixar que me esqueçam – disse aos pais.

Vestiu a jaqueta do time, com a esperança de que isso lembraria a todos que ainda era parte da equipe – e da escola. Quando entrou na sala, Sarah descobriu que alguns professores já admitiam o pior. Uma orientadora bem-intencionada e um professor sugeriram que ela abrisse mão de algumas matérias e fizesse um ano extra para terminar o curso.

Sarah sentiu-se agredida. *A esclerose não mudou meus objetivos*, pensou. Por que outras pessoas iriam determinar o que poderia ou não conseguir?

– Vou me formar com minha turma – afirmou.

Sarah exigia cada vez mais de si mesma. Quando a mão direita ficou fraca demais para fazer anotações, aprendeu a escrever com a esquerda. Por causa da visão dupla, disseram-lhe que precisaria de óculos especiais ou, quando não funcionassem mais, de um tapa-olho. No consultório do oftalmologista, pediu que a mãe lesse o texto de Química em voz alta.

Mais tarde, naquele dia, com a vi-





© ROBERT BACH/THE OREGONIAN

**De Carona-** Sarah e Samantha Joyce, 3 anos, em reunião para levantar recursos para portadores de esclerose múltipla.

são corrigida, Sarah voltou à escola. Apesar de todos os seus esforços, até os amigos se afastavam. Certo dia, o namorado, Spencer Cameron, passou em sua casa após as aulas.

– Ouça – disse gentilmente –, não quero parecer cruel, mas tudo mudou. Você é maravilhosa, mas está muito doente. E acho realmente que deveríamos... terminar.

– Eu não mudei – insistiu Sarah. – Sou exatamente a mesma pessoa que

era antes. Ainda sou Sarah.

Ela se virou rapidamente. Não queria que Spencer visse suas lágrimas.

**N**O INÍCIO de outubro, Sarah não podia mover as mãos ou o braço direito. Não podia andar. A audição desaparecia e a visão se turvava. O rosto ficou praticamente paralisado. Um medo profundo e silencioso aparecia em seus olhos.

Agora ela ficava em casa dia após dia, no sofá da sala. Enquanto dormia durante horas intermináveis, um sonho recorrente passava-lhe na cabeça como um videotape. No sonho, ela voltara à quadra de basquete e participava do jogo que tanto amava. Então, acordava em um corpo que frustrava até os comandos mais simples.

Entre os que a visitavam estava Carl Tinsley, treina-

dor-assistente da Oregon City High.

– Treinador – sussurrou Sarah –, não desista de mim. Vou jogar basquete outra vez.

Sorrindo para ocultar as dúvidas, Tinsley disse:

– Basta nos avisar quando estiver pronta.

Na escola, as reuniões de pais e mestres ocorriam no fim de outubro. Nessa época, Sarah já faltava à maioria das aulas. Mas estivera estudando



em casa com um professor particular, e suas notas permaneceram altas. Matt não pôde comparecer à reunião, mas Shirlene estava lá. Uma professora disse que Sarah não poderia acompanhar a turma e deveria abandonar o curso.

– Mas Sarah está mantendo as notas – respondeu Shirlene. – Você precisa lhe dar uma chance!

Shirlene apelou para a diretora:

– Vocês não podem simplesmente expulsá-la! – insistiu.

Mas a diretora não cedeu.

Quando soube da novidade, Sarah ficou magoada e irritada. Não era mais considerada ótima aluna, destaque nos esportes e especialista em música. *Em vez disso*, pensou, *sou Sarah, a inválida*.

– Não vou permitir que as opiniões dos outros determinem minha vida! – disse à mãe.

Mudar essas opiniões tornou-se sua prioridade número um.

Em certa manhã do final de novembro, Sarah sorriu. De repente, conseguira erguer as pernas e mover o braço direito. Logo pôde andar novamente.

– Não sabemos como isso ocorre – observou o Dr. Ash, acrescentando que não havia como prever quanto tempo a remissão duraria.

Logo Sarah falava em voltar à escola. Usando um tapa-olho para corrigir a visão dupla e ainda arrastando a perna direita, finalmente voltou às aulas na primeira semana de dezembro. Para conseguir estabilidade, percorria os corredores encosta-

da à parede. Agora se sentia pronta para um desafio maior – concretizar seu sonho.

**D**URANTE O RECESSO de Natal, Sarah disse aos pais:  
– Quero treinar arremesso.

Shirlene estremeceu. Sarah poderia se machucar. Talvez perdesse tudo o que ganhara com a remissão. O exercício vigoroso eleva a temperatura do corpo, retardando a transmissão dos impulsos nervosos, e tal aquecimento pode piorar temporariamente os sintomas da EM. *Mas não posso colocar outro obstáculo*, pensou Shirlene. *Todos a desestimulam. Não posso fazer o mesmo*.

Portanto, Shirlene e Matt aprovaram a idéia de Sarah treinar arremessos de bola ao cesto. Para evitar o superaquecimento, Sarah vestiu uma “camisa refrigerada” doada por uma fundação sem fins lucrativos. A camisa fora desenvolvida para crianças com um raro distúrbio das glândulas sudoríparas.

No ginásio quase deserto da escola, Sarah fazia um arremesso após o outro. A princípio, errava todos. Após 30 minutos, porém, muitas bolas entravam.

– Estou sentindo meu ritmo – gritou ao encestar uma bola arremessada de fora do *garrafão*.

Na volta para casa com os pais, Sarah estava em êxtase.

– Quero voltar a jogar no time – anunciou. – Ninguém vai me dizer que algo é impossível para mim.

Shirlene pediu opinião ao Dr. Ash.





**Sem Esmorecer**— Mesmo depois do diagnóstico, Sarah continuou a jogar basquete com entusiasmo.

— Não sei — respondeu ele. — Não temos indícios de que o exercício seja danoso. Sarah saberá o que o corpo dela pode ou não fazer.

Pouco tempo depois, Sarah estava se forçando até o limite. Algumas vezes seu corpo não se movia como desejava. Em outras ocasiões era obrigada a descansar por causa da dormência. Parava quando a visão dupla a deixava tonta. Preocupado com suas dificuldades, o treinador-assistente Tinsley perguntou a Shirlene:

— Sarah nunca fica frustrada nem

pensa que todo esse esforço não vale a pena?

Shirlene fez que não com a cabeça.

— Sarah nunca vai desistir — respondeu. — Para ela, há muito mais do que o basquete em jogo.

Na noite de sexta-feira, dia 12 de janeiro de 1996, mais de 800 fãs enchiam o ginásio do time. Os rumores da volta de Sarah haviam se espalhado e a multidão era maior do que o usual por ser aquele o jogo de sua volta. Nas arquibancadas, Shirlene, Matt e a irmã mais nova de Sarah,



Clair, aguardavam, nervosos. Oregon City High enfrentava Rex Putnam High, rival da região.

Faltando um minuto e 55 segundos para o final do primeiro tempo, o treinador-assistente Tinsley acenou para Sarah. A jogadora número 53 pulou do banco e entrou no jogo. Todos na arquibancada aplaudiam.

Sarah jogou somente cerca de cinco minutos. Mas provou que tinha razão. Enquanto a observava, o treinador Brad Smith sentiu seus preconceitos desabarem.

**N**O ANO SEGUINTE, Sarah fez uma palestra para 30 alunos do curso de saúde de uma escola das proximidades – falou para outras cinco turmas no mesmo dia. Enquanto se dirigia para o centro da sala, somente os observadores mais atentos perceberam que Sarah arrastava um pouco a perna direita.

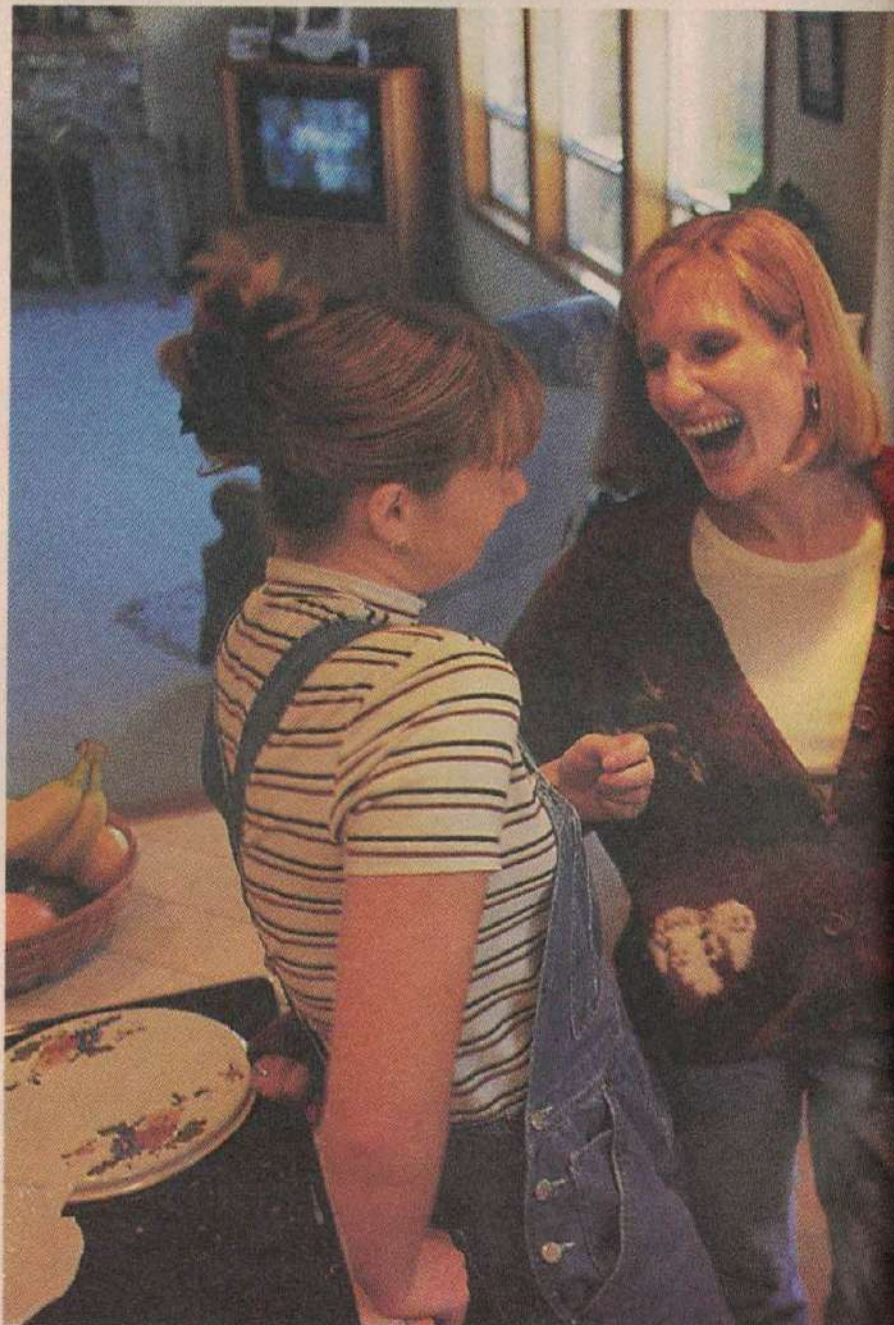
– Quando lhes disseram que uma pessoa com esclerose múltipla viria aqui hoje, o que vocês pensaram? – perguntou. – Esperavam alguém com uma bengala?

Vários confirmaram com a cabeça.

– Vocês esperavam uma cadeira de rodas?

– Sim – outros responderam.

– Parte disso é verdade – disse Sa-



rah. – Mas eu tenho esclerose múltipla e vejam o que posso fazer.

**O**S ALUNOS ficaram surpresos – exatamente a reação que Sarah desejava. Já lhes estava dando nova perspectiva. Perguntaram como conseguia jogar basquete.

– É difícil – confessou Sarah. – Mas tudo o que vale a pena é difícil.

– Por que você joga? – quis saber um dos alunos.





© ED KASHI

**A Família Warnock**— Clair, Shirlene, Matt e Sarah (da esquerda para a direita) num momento de felicidade em casa.

— Jogo para abalar os preconceitos contra mim e contra todos os que têm uma deficiência. Quero que as pessoas superem suas idéias preconcebidas e me vejam como eu sou.

No último ano de Sarah no colégio, Spencer Cameron telefonou.

— Posso ir aí? — perguntou.

Sarah ficou surpresa.

— Claro! — respondeu.

Ao chegar, Spencer olhou Sarah bem nos olhos.

— Estava errado sobre você. Por favor, você me perdoa? Não consegui deixar de lado seu problema e perceber que você era a mesma pessoa que sempre foi.

— Você não foi o único.

Os dois se abraçaram e voltaram a namorar.

Enquanto o ano da formatura passava, Sarah jogava cada vez mais basquete e era beneficiada pelo Avonex — primeiro remédio que retarda a progressão da EM e reduz a gravidade e frequência dos ataques. Em dezembro de 1996, garantiu a vitória com um arremesso a distância no último minuto de um campeonato. Em fevereiro de 1997, ajudou a assegurar o quarto campeonato estadual do time em cinco anos. Ela esteve entre os melhores alunos

naquele último ano e se formou com a turma. Hoje frequenta a faculdade em Oregon. Joga basquete na equipe principal e ainda sonha em se tornar pediatra.

*Você pode obter informações sobre EM na Associação Brasileira de Esclerose Múltipla, na Rua Demóstenes, 283 — CEP 04614-011 Campo Belo — São Paulo (SP), telefones (011) 533-0582 e (011) 531-1928.*